

UMA AMOSTRAGEM DO SERTANEJO SUBALTERNO PÓS-COLONIAL EM PATATIVA DO ASSARÉ

Autor: Francisco Wellington Carneiro de Souzaⁱ (UERN)

Coautor: Sebastião Marques Cardosoⁱⁱ (UERN)

RESUMO: Este trabalho apresentará como o sertanejo encontrado na obra **Cante lá que Eu Canto Cá** de Patativa do Assaré (1992) aparece representado dentro do universo pós-colonial brasileiro. Nessa perspectiva, o uso da teoria do subalterno abordada por Gayatri Chakravorti Spivak (1994) será a norteadora para as abordagens sugeridas. Assim, será estabelecido um paralelo entre o sertanejo patativiano visto em sua literatura popular e o subalterno apresentado por Spivak no seu livro **Pode o Subalterno Falar?**(1994) com o objetivo de analisar como os moldes coloniais e pós-coloniais agem sobre o personagem patativiano, fazendo-se uma comparação entre a subalternidade spivakiana e um novo ser que surge com esta ótica, o sertanejo subalterno pós-colonial. Através do método dialético, partindo-se de uma abordagem dedutiva, do geral para o particular, este artigo pretende ampliar as análises dos sujeitos encontrados na literatura pós-colonial brasileira no propósito de se averiguar as marcas de opressão impressas nos personagens encontrados na literatura patativiana que fora marginalizada, por um tempo, pelo cânone eurocêntrico e ver como os moldes dos discursos hegemônicos eurocentristas impelem a margem os sujeitos encontrados nessa camada social, impedido a subjetivação e usurpando a voz do sertanejo através dos discursos dominantes, não permitindo que saia da sua condição subalterna. Portanto, foi através da literatura de Assaré que evidenciamos como essas marcas pós-coloniais estão presentes no âmbito social, cultural, ideológico e literário da cultura popular. Assim, concluímos que existe um sujeito subalterno sertanejo presente na literatura popular de Patativa do Assaré e que merece destaque dentro do campo dos estudos subalternos e culturais da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos subalternos, Patativa do Assaré, estudos culturais.

ABSTRACT: In this article, we will present how the country man it is found in the literature of Patativa do Assaré in your book **Cante Lá Que Eu Canto Cá (1992)** is represented within the Brazilian post-colonial universe. In this perspective, the use of subaltern theory approached by Gayatri Chakravorti Spivak (1994) will be guiding for the suggested approaches. This way, will be establish a parallel between the country man of Patativa do Assaré found it in popular literature and the subaltern by Spivak in your book **Can the Subaltern Speak? (1994)** with the aim of examining how the molds colonial and post-colonial act on the character patativiano, making a comparison between the subaltern of Spivak and a new being that comes with this view, the Postcolonial Subaltern Countryman. Through the dialectical method, starting from a deductive approach, from general to particular, this article aims to extend the analysis of the subjects found in the Brazilian post-colonial literature in order to ascertain the marks of oppression in printed characters in literature of Patativa who had been sidelined for a long time for the Eurocentric canon and see how the Eurocentric hegemonic discourses pushed at the margin of society the subjects found that social extract, prevented the subjectivity and usurping the voice of the countryman through the dominant discourses, not allowing that you to leave your subordinate status. So it was through literature of Assaré that was evidenced postcolonial marks are present in the social, cultural, ideological, literary and popular culture scope. Thus, we conclude that there is a countryman subaltern subject this popular literature of the Patativa do Assaré and deserves within the field of subaltern studies and cultural Brazilian literature.

KEYWORDS: Subaltern studies, Patativa do Assaré, Cultural studies.

1. Introdução

A aproximação do universo oriental de Spivak (1994) e sua teorização da condição subalterna da mulher indiana ao universo da cultura popular brasileira oferece-nos um terreno fértil em matéria de exploração analítica quanto à localização dos sistemas opressores indicados na literatura produzida pelos literários de cunho popularescos, principalmente pelo fato desses autores estarem a margem do cânone literário e não estão inseridos nos padrões eurocêntricos de produção artística e cultural. Portanto, percebem-se em Assaré (2008) as marcas que a sujeição colonial insere nos moldes de assimilação deste sujeito subalternizado. No caso da análise de Spivak (1994) há um estudo em torno do sujeito oriental (mulher indiana) dentro do processo da construção da identidade que resiste a subalternidade causada pelos influxos do colonialismo e pós-colonialismo e com Patativa do Assaré (2008) a busca de um sujeito ocidental, que nessa análise se trata do sertanejo apresentado por ele também em busca da sua subjetivação com sujeito e resistência descolonial. Por isso, vemos no sujeito pós-colonizado que fora tão problematizado por Spivak (1994) uma semelhança com o sertanejo apresentado por Assaré (2008), posto que, ambos partem da premissa de que foram subalternizados por suas condições de colonizados e por terem nascidos inferiores por questões inatas a esses sujeitos como a questão de gênero, origem (lugar de nascimento) e condição social (pobre ou rico). Assim, dentro do contexto spivakiano, ela estuda a relação de subalternidade experimentada pela mulher indiana, visto que na Índia a segregação de gênero é algo cultural como as questões de castas (religião), letramento, colonização e condição social; já com relação ao sertanejo patativiano atrela-se o fato de ser iletrado, ou seja, sem condições de se representar perante a sociedade, por ser também um sujeito colonizado e depois por ter nascido nordestino.

Nesse sentido, ao nos depararmos com os conceitos pós-coloniais do subalterno, nós vemos como se torna importante o entendimento das relações entre os discursos hegemônicos lançados pelos que estão no poder e os sujeitos subalternizados por eles. Dentro desse prospecto, vemos que o universo contemporâneo pós-colonial em contrapartida com os sujeitos subalternizados por tais discursos entra em consonância com a literatura de Assaré, posto que, o escritor apresenta um sertanejo que sofre por ter nascido nordestino e principalmente porque não consegue ser ouvido devido à ausência de voz ocorrida por conta da falta de subjetivação causada pela falha de instrução e/ou letramento.

Assim, a aproximação entre as teorias de Spivak e o universo literário patativiano podem andar em consonância no que concerne aos moldes de assimilação

(subjetivação) desse sujeito subalternizado e vislumbrar quais são as estratégias utilizadas para quebrantar a objetificação causada pela descolonização desses sujeitos que, outrora foram colonizados, e da desapropriação das suas vozes em virtude da sua inabilidade de autorrepresentação.

Para tanto, averiguar quais são os discursos que exercem a função de dominação e sujeição do ser pós-colonial nos oferece a oportunidade de elaborar análises, comparações e questionamentos capazes de esclarecer como a literatura de Patativa do Assaré (2008) apresenta estratégias através de sua literatura simples e acessível uma arma de resgate da subjetividade e da voz usurpada pelos colonos.

Noutro contexto, evidenciamos aqueles que estão imersos na escuridão da subalternidade e mostramos o processo de estupidação dos sujeitos, um fenômeno social responsável pela subalternização dos povos que foram obrigados através dos processos coloniais a envergarem o pensamento ao sistema de dominação capitalista da exploração e ao silenciamento das suas vozes em detrimento da sua condição “inferior” e para que isto ocorra de forma coesa e coerente, temos que primeiramente identificar a presença de um sertanejo subalterno pós-colonial dentro da literatura popularesca de Assaré.

2. A relação de poder e os discursos pós-coloniais

É através dos estudos culturais que percebemos como a relação de poder explicitada pela filosofia de Michel Foucault (1970) está presente nos discursos pós-coloniais. Para tanto, vemos nesse filósofo a razão de se entender que os processos de dominação e sujeição perpassam pelos discursos hegemônicos¹. E o que são esses discursos hegemônicos? Foucault (1970) teoriza sobre os discursos que se sobrepõem

¹ ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**: *Lua Nova*, São Paulo, 80: 71-96, 2010. “A noção de hegemonia foi criada no seio da tradição marxista para pensar as diversas configurações sociais que se apresentavam em distintos pontos no tempo e no espaço. Apesar de ter suas origens na social-democracia russa e em Lênin, é Gramsci que apresenta uma noção de hegemonia mais elaborada e adequada para pensar as relações sociais, sem cair no materialismo vulgar e no idealismo encontrado na tradição. A noção de hegemonia propõe uma nova relação entre estrutura e superestrutura e tenta se distanciar da determinação da primeira sobre a segunda, mostrando a centralidade das superestruturas na análise das sociedades avançadas. Nesse contexto, a sociedade civil adquire um papel central, bem como a ideologia, que aparece como constitutiva das relações sociais. Deste modo, uma possível tomada do poder e construção de um novo bloco histórico passam pela consideração da centralidade dessas categorias que, até então, eram ignoradas. Entretanto, nas últimas décadas surgiu uma nova abordagem da hegemonia que tem como objetivo expandir a noção gramsciana para pensar a configuração social do capitalismo tardio e observar como se desenvolvem as disputas hegemônicas nesse novo espaço social.”

sobre os discursos que não estão no poder e quem está fora desse padrão são inferiorizados e marginalizados. Foi com Foucault (1970) que a teoria da relação de poder ganhou contornos marcantes e serve de arcabouço para um novo tipo de pensamento que surgia na época, o pós-colonialismo. Todavia, a relação de poder colaborou com a produção de idéias que reviam os próprios conceitos foucaultianos acerca da representação dos sujeitos que eram inferiorizados por não ter voz dentro do seu meio indicado pelo filósofo como saído dessa relação que subalterniza o ser e rouba-lhes a voz. Para este processo, temos o termo subalternização, tão bem idealizado por Spivak. No entanto, é com os estudos pós-coloniais que este termo ganha mais notabilidade e diverge com os critérios de representação de Foucault. Para endossar tal posicionamento, usamos dos pensamentos Gramsci (1982) e Spivak (1994) para corroborar a idéia de que há um sertanejo subalterno.

Subalternizam-se pelo fato de que a voz lhes é tomada, desapropriadas como terras com a chegada dos colonos exploradores e mais do que isso, lhes são tirados os direitos mais básicos como ser pensante, que é o de se abstrair, de pensar em si como um sujeito único e também coletivo capaz de mudar sua condição e a condição de sua comunidade a partir de sua racionalidade. Essa usurpação da voz se dá no subalterno de que fala Spivak bem como no sertanejo patativiano. Vale ressaltar que o trabalho da teórica se dá dentro do universo feminino indiano e assim ela diz que *“o discurso subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica devido às condições subjacentes as questões de gênero”* (SPIVAK, p. 85). Do mesmo modo, podemos falar analogamente do sertanejo patativiano. Por estarmos inserido numa nação pós-colonial, já vivemos numa condição subalternizante e no caso do sertanejo nordestino temos um agravante do estigma da região, sendo que o preconceito étnico e social são os principais agentes desta distinção dentro do próprio país. Ou seja, facilmente podemos comparar a mulher subalterna de Spivak com o sertanejo subalterno de Patativa do Assaré e indagarmos a pergunta chave que levou Spivak (1994) a pensar no sujeito subalterno: “Pode o sertanejo patativiano falar?”.

É óbvio que o desejo deste trabalho é que se abra com esta analogia outra forma de abordagem deste conceito, no entanto, os fatores consonantes nos levam a encarar esta produção como um desafio gigantesco.

Este desafio aparece quando nos depararmos com as literaturas pós-coloniais produzidas em países latinos, em específico o Brasil. Assim vemos uma congenialidade

extremamente forte quanto ao tema e a sua produção atrelada a espaços e tempos que ligam a cultura popular às idéias descoloniais.

As teorias pós-coloniais começam, de fato, a serem consideradas no panorama dos estudos literários a partir de um estudioso martinicano chamado Frantz Fanon (1952), que leva seu pensamento de libertação dentro do campo das diferenças étnicas. A partir deste teórico, muitos outros como Homi K. Bhabha (1998), Edward Said (1990), Gayatri Chakravorty Spivak (1994), Ashcroft (1991) enveredaram na pesquisa e produção de estudos a respeito das estruturas, traumas, causas e consequências, e produções a partir do princípio do colonialismo, do pós-colonialismo e das relações de poder exercidos nas sociedades oprimidas pelo imperialismo ideológico.

Como se percebe, a maioria dos teóricos supracitados é de origem oriental e por estarem localizados do lado direito do globo, as primeiras análises da literatura dentro das perspectivas pós-coloniais começaram com as literaturas desses países ou próximos a eles. Um exemplo disso são as análises e estudos feitos com as literaturas de alguns países do continente africano, em especial os que pertencem aos PALOP's² como Moçambique, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde entre outros. Apesar de ainda serem poucos os trabalhos feitos dentro desta ótica, percebe-se um novo nicho de pesquisa extremamente profícuo e com uma visão completamente nova dentro do panorama ocidental teórico visto dentro das academias. Mas, não apenas por estarem localizadas geograficamente no oriente que essas teorias foram inicialmente analisadas por estudiosos orientais e/ou africanos, mas também porque a filosofia ocidental já não supria a necessidade de se entender o sujeito-mundo como um todo dentro de sua complexa existencialidade. Isto implica dizer que, o ocidentalismo saturou-se de seus conceitos e abriu através de suas posições obsoletas a possibilidade de emergência dos sujeitos pós-modernos e/ou pós-coloniais, outrora, oprimidos pelos discursos hegemônicos de dominação burguesa. Ao depararmos com esta possibilidade vastíssima de se entender este novo sujeito contemporâneo, criou-se um novo modelo de representação do sujeito pós-moderno fragmentado, que é o sujeito pós-colonial e que nesta análise veremos como o sertanejo subalterno pós-colonial.

3. Pós-colonialismo e Patativa do Assaré – Pode o sertanejo patativiano falar?

² Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Inicialmente, Antonio Gramsci (1982) é o primeiro marxista a pensar as classes oprimidas para além do proletariado, introduzindo a idéia de subalterno, na verdade “grupos de subalternos”. No entanto, é com Spivak (1994) que este termo ganha contornos mais fortes e uma conceituação mais contemporânea. Assim, dentro da conceituação de Spivak (1994), ela coloca que o termo subalterno representa as camadas mais baixas da sociedade.

Dentro dessa mesma ótica, Assaré em sua literatura escreve sobre os horrores causados pelo homem rico, branco, colono e descreve através de sua poesia todo esse sofrimento. Ele escreve não apenas para descrever este sofrimento para quem não conhece este povo, mas também para o próprio povo sertanejo. Eis onde mora a proximidade entre a produção poética de Patativa do Assaré e as teorias pós-coloniais.

A poesia patativiana tem o claro interesse de alertar e principalmente de resgatar a consciência usurpada pelos mais poderosos, afim de que o sertanejo representado em sua poética possa se subjetivar e abstrair-se com o propósito de libertá-los das garras da pós-colonização que acontece nos países que passaram por um processo colonizatório.

Patativa do Assaré é um fiel representante do homem pós-colonial dentro da cultura popular e podemos perceber essas marcas, que talvez sejam colocadas por Patativa intuitivamente, dentro de sua produção literária. A exploração patronal, o regime de escravidão e a proletarização, o campo, a cidade, a condição subalterna, o oprimido, o exílio por conta da seca, sujeição por falta de comida são todos elementos constitutivos da poética de Assaré. A forma como sua poesia é construída e como foi escrita por Patativa, denominada por ele mesmo como “poesia matuta”, aproximam notoriamente seu pensamento dentro da ótica das teorias pós-coloniais e da resistência em função do eurocentrismo.

Vejamos nesta estrofe da poesia “Eu e o sertão” do livro **Cante Lá que Eu Canto Cá** (2008) como Assaré expressa a condição subalterna que o sertanejo vive em decorrência da sua condição de ignorante:

Tu veve munto esquecido
Dos meio da inducação,
Sempre, sempre tem vivido,
Sem escola e sem lição.
Teu mundo é bem pequenino,
Por isso do teu destino,

Da tua simplicidade
Nasce a fé e a esperança;
Tua santa inguinoransa
Incerra munta verdade. (ASSARÉ, 2008. p. 22-23)

Neste trecho, vemos claramente que o sertanejo apresentado por Assaré vive isolado do resto da sociedade, marginalizado, sem educação. Assim, o poeta afirma que sua condição de esquecido se dá por falta da instrução e afirma que esta condição não é recente, é algo rotineiro e antigo, “*sempre, sempre tem vivido*” (ASSARÉ, 2008. p. 22-23). A sua condição se subalterniza e é transfigurado na palavra *munto*, e em outro trecho o uso do sufixo –ino agregado a palavra “pequeno” dá a conotação de um sujeito diminuído por suas condições inatas.

O fado sertanejo do sofrimento por sua condição de ser sertanejo é colocado no 6º verso ao escrever a palavra “destino”, fechando, assim, a possibilidade de libertação de sua condição subalterna. A voz existente, porém obliterada pela subalternidade. Nos dois últimos versos nós vemos a consequência desta condição apresentada durante todo o poema. Esta condição leva o sertanejo a não ver as verdades, ou seja, as mazelas que são impostas a eles devido a sua subordinação às camadas dominantes da sociedade.

Em outro poema deste mesmo livro intitulado “Maria Têê”, nós percebemos a presença do estrangeiro nas raízes hereditárias deixadas pelos colonizadores. Assim, fica marcada no poema a presença do homem branco-colonizador que causa o sofrimento e opressão do sertanejo. Desse modo, Assaré denuncia:

A fazenda era um colosso
De terra, miunça e gado
E o coroné, belo moço
Lôro, dos óio azulado.
Recebeu nós satisfeito,
Com tenção e com respeito,
Com delicada manêra,
Com inducação e brio
Como quem recebe um fio
Que vem das terra istrangêra. (ASSARÉ, 2008. p. 31)

A presença das marcas da colonização se dá claramente neste trecho ao vermos que o proprietário das terras tem o fenótipo do homem branco europeu que colonizou nosso país, “*lôro, dos óio azulado*” (ASSARÉ, 2008). Neste sentido, se experimenta a crítica feita à posse das terras por pessoas que, na verdade, não deveriam pertencer. Também, no poema se apresenta um fator irônico, pois o poeta enfatiza um

comportamento bondoso e receptivo que o **coroné** demonstra ter pelos seus trabalhadores, enquanto que o seu verdadeiro interesse se desvela nos trechos seguintes do poema:

Certo dia da sumana,
Eu chegando da cidade,
Vi que na minha chupana
Tinha grande novidade,
Tudo in ribuliço tava,
Muié saía e entrava,
Muié entrava e saía,
No maior contentamento;
Têê naquele momento
Já era mãe de fãmia [...]

[...] Mas veja a sorte misquinha:
Quando eu entrei na cusinha,
Uvi no pé do fogão
Argüem, baixinho, dizê:
O menino da Têê
Tem a cara do patrão. (ASSARÉ, 2008. p. 35)

Observa-se, então, que a exploração patronal enveredava não somente no campo do trabalho e da posse da terra, mas da própria posse do ser sertanejo. Poderíamos adentrar numa análise sobre a **outremização** do sujeito sertanejo, mas o foco aqui é entender a presença do sertanejo subalterno.

A Maria Têê tornou-se uma aquisição do seu patrão que usou da necessidade do casal pobre para aproveitar-se de sua condição de mulher, vista como inferior, dando-se uma clara analogia as idéias spivakianas. Assim, as relações de poder demonstradas neste poema exprimem a subalternidade vivida pelo casal e a presença do estrangeiro tomando posse do que não lhe pertence, nem as terras e nem o povo.

Vale uma ressalva quanto aos modos de abordagens usados por Patativa do Assaré e seus personagens nas glosas e motes de sua produção, pois conseguimos perceber estas marcas agora, na nossa contemporaneidade. Mas o que coloco em questão é que até que ponto Patativa do Assaré estava consciente de seu papel como libertador do homem pós-colonial? Será que ele tinha a intenção de representar através de sua poesia o sertanejo subalterno?

Para a primeira pergunta, devemos levar em consideração o tempo em que o poeta se encontrava na sua produção e este tempo incutiu a impossibilidade de pensar num homem pós-colonial. No entanto, isso não impede Patativa do Assaré de pensar no

homem (sertanejo) dentro das perspectivas pós-colonialistas, mesmo sem, de fato, conceituá-lo como tal, ou seja, havia a consciência deste sujeito oprimido, porém sem esta teorização mais contemporânea. Portanto, o poeta tinha consciência do seu papel dentro da sociedade e percebia o seu dever como agente propiciador de consciência e subjetividade.

Quanto à segunda pergunta, Patativa do Assaré representou e auto-representou o sertanejo subalterno e também o sertanejo consciente. Eis onde mora um posicionamento interessante dentro desta análise, pois dentro do que diz a teoria da subalternidade, nós devemos dar voz ao sujeito subalterno para que ele possa ascender como sujeito e se torne agente de sua própria história. Então, a representação não seria, de fato, adequada para se fazer (SPIVAK, 1994). Porém, Assaré (2008) não somente representa o sertanejo, como também auto-representa o sertanejo, posto que, ele também é o próprio sertanejo.

Neste sentido, o sertanejo patativiano pode ser analogamente comparado com sujeito subalterno de Spivak, pois ao compararmos vemos que ambos, o sertanejo patativiano e o subalterno spivakiano, não possuem a dialogicidade. Há a ausência da voz metaforicamente, da voz que é ouvida e ignorada, e que é esta voz ausente que o faz fincar-se na condição inferior, que o faz se tornar objeto. No subalterno, o ato de ser ouvido não ocorre e exatamente isto que acontece com o sertanejo representando por Assaré em sua literatura.

Conclusão

Dentro desse prospecto, concluímos que a expressão poética de Patativa do Assaré revela uma congenialidade com as teorias pós-coloniais. Nesse sentido, o que o escritor faz é ressignificar mais uma vez esse termo, dando ao ser sertanejo todas as nuances que o subalterno spivakiano tinha em seu ser. Para que se entenda Patativa do Assaré como um escritor e intelectual pós-colonial nós temos que abarcar a ideia de que um dos objetivos deste trabalho é também de se entender qual o posicionamento de nós intelectuais dentro do novo universo que se apresenta ao aproximarmos o universo da cultura popular ao um mundo teórico tão denso quanto o pós-colonialista. Para tanto, entendermos que o trabalho dos culturalistas, dos escritores populares e dos fazedores de sabedorias ou consciências ideológicas nas camadas “mais inferiores” das sociedades

que sofreram a opressão das colônias serve-nos para entendermos que devemos repensar nossos papéis como acadêmicos ou catedráticos. Assim, enxergar Patativa com um pós-colonialista é apenas um pretexto para o verdadeiro foco do trabalho, que é reconhecer a grandeza dos seus ideais e de sua capacidade intelectual que estão incutidos na sua poética e transformá-las em agências promotoras da ascensão do cidadão subalternizado ou calado pelos discursos hegemônicos dos mais poderosos.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Claudio Henrique Sales. **Aspectos e impasses da poesia de Patativa do Assaré**. São Paulo 2008.
- ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá: A filosofia de um trovador nordestino**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. rev. autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- FANON, Frantz. **Peau noire masques blancs**. Paris: Seuil, 1952.
- _____. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de setembro de 1970**. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 2004. 106
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1982. P. 05.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Autores:

ⁱ Mestrando pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/ UERN, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, bolsista CAPES/CNPQ; EMAIL: wellington18ico@gmail.com.

ⁱⁱ Professor Doutor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte / UERN, Brasil; PPGL – Programa de pós-graduação e letras/UERN. EMAIL: sebastiaomarques@uern.br